

Jovens Agricultores #106

ABR|MAI|JUN| 2016 | Distribuição Gratuita
Associação dos Jovens Agricultores de Portugal



Entrevista Capoulas Santos

«O acompanhamento técnico dos jovens agricultores é uma ideia positiva»

Inovação em espaço rural

Soja - a nova cultura do Alqueva
Pistácio em Mirandela



SOLUÇÕES "À MEDIDA" DA SUA CULTURA



Na Hubel Verde estamos todos os dias junto às culturas dos nossos clientes, com o objetivo de maximizar a rentabilidade do seu investimento e reduzir o risco.

Prestamos um serviço completo e integrado que inclui assessoria técnica agronômica certificada, soluções de monitorização de humidade no solo em tempo real e o fornecimento de adubos líquidos VS, substratos CH e complementares de nutrição vegetal, que a sua cultura necessita em cada momento.

*Agronomia
em campo*

MARCAS REPRESENTADAS



SEDE OLHÃO

morada Parque Hubel, Pechão,
8700-179 Olhão

tel 289 710 515 fax 289 710 516

ALPIARÇA

morada Zona Industrial, lotes 55 e
56, 2090-242 Alpiarça

tel 243 557 606 fax 243 557 607

FERREIRA DO ALENTEJO

morada Parque de Empresas, lotes 16 e 30
7900-571 Ferreira do Alentejo

tel 284 739 612

email hv@hubel.pt

website www.hubel.pt



PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE ASSESSORIA
AGRONÓMICA A CONDUÇÃO DE CULTURAS

04 Editorial

Notícias

- 05 AJAP lança ciclo de conferências Jovem Agricultor em Caminha
- 10 AJAP forma jovens em Produção Agropecuária

Entrevista

- 11 «O acompanhamento técnico dos jovens agricultores é uma ideia positiva»
Capoulas Santos, Ministro da Agricultura
- 14 APROLEP exige compromisso com preço sustentável do leite

Dossier Central – Inovação em Espaço Rural

- 16 Casal da Cotovia pioneira na cultura do pistácio
- 18 Jovem agricultor de Pias conjuga investimento em olival de regadio e de sequeiro
- 19 Soja – a nova cultura do Alqueva
- 20 CO 17 – um gin com gosto a Douro
- 22 Quinta da Lagoa – a arte do Queijo Serra da Estrela

Internacionalização e Exportação

- 24 Raiz da Terra – Aprender com a exportação

Investigação e Desenvolvimento

- 26 Mosca da azeitona – armadilha digital em testes no Alentejo

Parceiros AJAP

- 28 «O apoio aos jovens agricultores é um investimento no Douro»
José Almeida Ribeiro, presidente da CCCAM Beira Douro
- 30 João Cardoso – um parceiro de confiança na Meda



Tudo a que têm direito!

Apoiar os futuros Jovens Agricultores para uma atividade complexa, mas aliciante, exigente, contudo compensadora, é o maior compromisso da AJAP com o país e com a agricultura portuguesa.

É ainda nosso objetivo dinamizar o espaço rural, obviamente com Jovens Agricultores, mas também com outros jovens que procuram regiões e lugares diferentes e uma qualidade de vida singular, para aí poderem desenvolver novos negócios e ideias inovadoras, capazes de criar emprego e raízes, aliando tradição à modernidade.

Falamos dos Jovens Empresários Rurais.

Nesta edição da JA – Revista, falamos com Jovens Agricultores de diferentes regiões do país, e com o responsável máximo na condução das medidas de política destinadas à agricultura e ao desenvolvimento rural, o Ministro da Agricultura e do Mar, Dr. Capoulas Santos.

Os meios, ao que nos dizem, são escassos, mas a vontade de investir é muita, é bom sentir essa vontade e determinação por parte dos jovens e por parte dos agricultores. Não podemos ficar ainda mais para trás nesta competição com os parceiros europeus. O Governo e a UE têm de fazer tudo o que está ao seu alcance para acompanhar a dinâmica de um dos únicos setores que em Portugal, produz e cria emprego, inova e exporta.

A essa vontade e determinação dos jovens, o Estado e a UE não podem desistir de apoiar, em detrimento de outras políticas necessárias, mas porventura menos prioritárias.

Meios mais escassos implica necessariamente maior repartição das verbas e novos critérios na sua afetação. Implica seguramente definir tetos, priorizar certas medidas, bem como introduzir alterações no seio das mais e menos utilizadas.

Prioritário é também pressionar a distribuição que ainda importa muito, mesmo quando Portugal produz; exemplo do leite e produtos lácteos e da carne de suíno, como é igualmente prioritário colocar a proveniência dos produtos nos rótulos e estimular através de campanhas o consumo de produtos de origem portuguesa.

O país tem sérios desafios pela frente, e muitas dificuldades para ultrapassar, mas não se pode inverter um ciclo de investimento num setor cada vez mais promissor.

Pela parte da AJAP não baixamos os braços e estaremos ao lado de quem defende estas premissas.

Eduardo Almendra, Presidente da AJAP

Ficha Técnica

Propriedade e Edição AJAP - Associação dos Jovens Agricultores de Portugal

Rua D. Pedro V, 108 - 2º, 1269-128 Lisboa | Tel: 213 244 970

Direção Eduardo Almendra

Coordenação Editorial Nélia Silva

Secretariado Olga Leitão

Departamento Comercial Comunicland – Comunicação e Marketing | geral@comunicland.pt

Paginação Miguel Inácio **Impressão** GMT, Gráficos, Lda.

Depósito Legal n.º 78606/94 **Registo de Título** n.º 116714

Tiragem 10 000 Exemplares **Periodicidade** Trimestral

E-mail revista@ajap.pt **URL** www.ajap.pt

Distribuição Gratuita

Com o apoio



AJAP lança ciclo de conferências Jovem Agricultor em Caminha

A AJAP iniciou em Caminha, a 21 de abril, um ciclo de conferências para debater os desafios e oportunidades dos jovens agricultores em Portugal. O secretário de Estado da Agricultura e Alimentação, Luís Medeiros Vieira, que inaugurou o evento, manifestou apoio à proposta da AJAP para criar um Grupo de Acompanhamento à Instalação de Jovens Agricultores.

Cerca de duas centenas de pessoas participaram no animado debate que decorreu no Teatro Valadares, em Caminha, onde a AJAP apresentou propostas com vista à melhoria das condições de instalação e apoio aos jovens agricultores e à dinamização da economia em espaço rural. Na sessão de abertura, Eduardo Almendra, presidente da AJAP, afirmou que «a promoção do espírito empreendedor dos jovens é fundamental e deve assentar em três eixos de intervenção: melhoria das competências, incluindo qualificação e treino; acesso ao financiamento, nomeadamente o necessário à criação e dinamização de novos negócios que explorem os resultados da inovação, e o desenvolvimento de uma verdadeira rede de suporte aos empreendedores e aos jovens, que crie condições de assistência e acompanhamento nos primeiros anos de vida».

O secretário de Estado da Agricultura e Alimentação, Luís Medeiros Vieira, respondeu de forma positiva

aos desafios lançados pela AJAP, comprometendo-se com a regulamentação e apoio da figura do Jovem Empresário Rural: «estamos a mobilizar apoios de diversas origens, numa perspetiva de gestão multifundados, para viabilizar a figura do Jovem Empresário Rural», assegurou.

O governante manifestou-se também favorável a outra proposta da AJAP para a constituição de um Grupo de Acompanhamento à Instalação de Jovens Agricultores: «estou aberto para criar este grupo de trabalho que fará no terreno a monitorização e acompanhamento dos resultados da instalação dos jovens agricultores».

A AJAP considera que esta questão deve ser resolvida «com a maior urgência, porque é necessário assegurar que os futuros agricultores permaneçam na atividade». As funções deste Grupo deverão abranger as várias fases de investimento, desde o estudo preliminar, apresentação do projeto, contratação com o IFAP, execução dos investimentos e encerramento do último pedido de pagamento, de modo a dotar os Jovens Agricultores de mais capacidades técnicas, mais conhecimentos e mais soluções para comercializar as suas produções, resistindo mais facilmente a crises setoriais e de mercado.

Nesta matéria, Miguel Freitas, especialista em assuntos agrícolas europeus e um dos oradores convidados, considerou que «o aconselhamento técnico e económico são essenciais ao êxito dos jovens agricul-



tores» e propôs a criação de um “regime de tutoria”, através do qual pessoas credenciadas acompanhem os jovens.

Jovens agricultores - 5.400 candidaturas

Recorde-se que no âmbito do Proder foram apoiados 8.400 jovens agricultores, correspondendo a um investimento total de 1.300 milhões de euros, com uma média de 125 mil euros por projeto. A meta definida no atual programa de desenvolvimento rural (PDR 2020) é menos ambiciosa, prevendo o apoio a 4.971 jovens agricultores. De acordo com Luís Medeiros Vieira, as candidaturas de jovens agricultores recebidas até à data já ultrapassaram esse limiar – 5.400 –, ascendendo a um valor de 76 milhões de euros de investimento (60 milhões de apoio públicos). Apenas 10% foram contratados. A abertura do próximo concurso para jovens agricultores (medida 3.1.1.) está prevista para dezembro de 2016, segundo o calendário

divulgado pela Autoridade de Gestão do PDR2020.

Pedro Santos, diretor-geral da Consulai, deixou uma visão otimista, dizendo que «a agricultura é um setor com muitas oportunidades» e elencou cinco desafios para o sucesso dos jovens agricultores: empreendedorismo, capacitação dos agricultores, internacionalização, inovação e organização da produção.

O exemplo veio da Raiz da Terra, empresa especializada na propagação de plantas ornamentais por estacaria, com sede em Vila Praia de Âncora. José Martins descreveu o percurso da empresa, criada em 1998, e que hoje em dia exporta para Espanha, França e Holanda. Teimosia, rigor, regularidade e uniformidade da produção e boa relação qualidade-preço são na opinião deste jovem agricultor ingredientes que fazem o sucesso da sua exploração (ver reportagem nesta *Jovens Agricultores*).





O município de Caminha foi o anfitrião do evento e nas palavras do seu presidente, Luís Alves, «hoje temos na agricultura um caminho de esperança para o qual precisamos de contributos válidos e da capacidade e inteligência que deve partir das instituições para percebermos as oportunidades que estão colocadas a todos».

A AJAP reconhece o esforço e dedicação da autarquia de Caminha para o sucesso desta primeira

conferência, com uma palavra especial de apreço ao seu vice-presidente, Guilherme Lagido Domingos.

Os patrocinadores deste ciclo de conferências marcaram presença em Caminha: João Pedro Borges, presidente do Conselho de Administração da CA Seguros, José Gonçalves Correia da Silva, responsável do Crédito Agrícola Noroeste, Jorge Caleça, responsável comercial da Magos Irrigation Systems, e a Epagro. Muito obrigado a todos pelo apoio!



Ministério cria Banco de Terras

O Ministério da Agricultura anunciou a criação de um Banco de Terras, exclusivo para terras públicas que serão disponibilizadas para contratos de arrendamento por um período mínimo de sete anos. As receitas serão investidas na aquisição pública de terrenos para novos arrendamentos. A Bolsa de Terras, implementada pelo Executivo anterior, continuará a funcionar, mas apenas para transação de terras privadas, revelou Luís Medeiros Vieira.

Próximas conferências Jovem Agricultor

- 2 de junho | Tavira
- 29 de junho | Peso da Régua
- 13 de julho | Nelas

AJAP forma jovens em Produção Agropecuária



O curso “Técnico de Produção Agropecuária” da AJAP é frequentado por 23 alunos na junta de freguesia de Árvore, em Vila do Conde.

Desde sempre a AJAP assumiu um papel determinante na formação de Empresários Agrícolas e Jovens Agricultores, missão que pretendemos continuar a desenvolver, intervindo em faixas etárias mais jovens.

Em 2013/2014 a AJAP candidatou-se através do IEFP a um Curso de “Técnico de Produção Agropecuária”, destinado a jovens entre os 16 e os 24 anos que abandonaram o sistema educativo sem a conclusão do ensino secundário ou que tendo concluído o 9º ano, pretendessem enveredar pela via do ensino profissional, obtendo o nível secundário e uma qualificação profissional de nível IV.

O curso de “Aprendizagem” tem a duração de dois anos e meio, em sistema de alternância (60% da formação em sala e 40% nas explorações). Teve início em outubro de 2015, decorre nas instalações da junta de freguesia de Árvore - Vila do Conde e integra atualmente um grupo de 23 formandos.

O Curso é de vital importância. Os formandos ficarão com o ensino secundário completo e uma saída profes-

sional com boas perspectivas de empregabilidade. Nesta zona existem muitas explorações de referência a nível nacional, que em picos de trabalho não têm operadores qualificados em número suficiente, para as tarefas a desenvolver. Deste modo, teremos um grupo qualificado e as explorações terão oportunidade de enquadrar jovens, com provas dadas. O prosseguimento de estudos de nível superior é uma realidade que alguns dos formandos poderão vislumbrar.

A organização do grupo foi um processo moroso, deparámo-nos com um preconceito e uma descrença generalizada perante a possibilidade de perspetivar um futuro profissional risonho na agricultura. Poucos arriscam promover esta formação, pela dificuldade de recrutamento de formandos e pelo risco e esforço financeiro, face ao escasso orçamento atribuído.

Estimulando o espírito de empreendedorismo, instalámos uma estufa, com produção hortícola em solo e hidroponia. Foi possível com o patrocínio da empresa “Estufas Minho, S.A.” (ofereceu a estufa) e da empresa “Litoral Regas, Lda” (ofereceu o sistema de hidroponia). A Cooperativa Agrícola de Vila do Conde contribuiu com o vestuário de trabalho.

Têm-se juntado a nós explorações que disponibilizam espaço, equipamentos e saberes (Manuel Ferreira, Francisco Cunha e Irmãos Neves). A Junta de Freguesia de Árvore tudo tem feito para fornecer condições que facilitam a aprendizagem. A Associação “O Fruto” fornece aos alunos refeições cuidadas a um preço muito acessível.

No que depender da vontade da AJAP, este projeto será um sucesso.



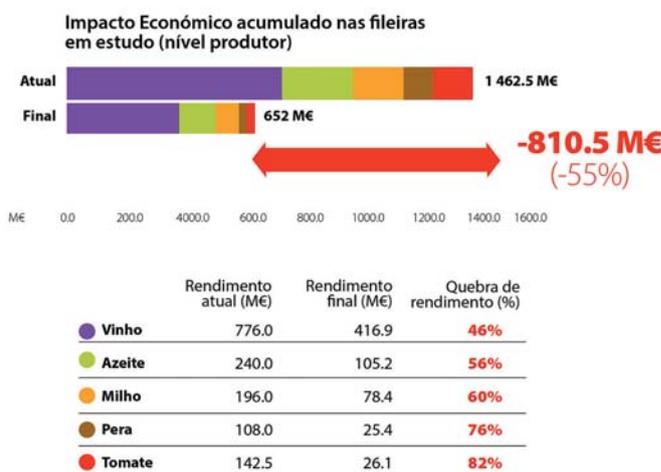
AJAP na 33ª edição da Ovibeja



A AJAP esteve presente na 33ª edição da Ovibeja, de 21 a 25 de abril, com um novo stand institucional que põe em relevo a oportunidade das novas culturas agrícolas para os jovens agricultores. A organização da feira disse em comunicado que a «Ovibeja 2016 foi um sucesso com muitos pontos fortes». Rui Garrido, o novo presidente da direção da ACOS – Agricultores do Sul, destacou a grande afluência de público e a qualidade dos colóquios, bem como a visita de grande número de personalidades, nomeadamente políticos. O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, terminou uma semana de Presidência aberta no Alentejo no recinto da Ovibeja onde prestou homenagem a Manuel de Castro e Brito, o antigo presidente da ACOS e principal mentor da Ovibeja, recentemente falecido. A Ovibeja 2017 realiza-se entre os dias 27 de abril e 1 de maio.

Retirada de substâncias ativas pode representar 810M€ de prejuízo

Um estudo apresentado pela ANIPLA, a 19 de maio, avaliou o potencial impacto económico da retirada de 112 substâncias ativas (s.a.) que estão consideradas em risco de exclusão a nível da UE e que são usadas na proteção contra pragas, doenças e infestantes em cinco culturas-chave em Portugal. O estudo analisou as fileiras da vinha, olival, milho grão, pera Rocha e tomate indústria, concluindo que tal retirada representaria uma perda de 810 milhões de euros no rendimento agrícola destas fileiras e de uma forma geral inviabilizaria a exploração empresarial de qualquer das culturas em análise. «O perigo sério que a agricultura portuguesa enfrenta pela ameaça à sua competitividade e, conseqüentemente, significativo impacto quer a nível económico quer a nível social, resultante da perspetiva de redução de soluções tecnologicamente determinantes para os agricultores portugueses, determinou a urgência da realização deste estudo», explicou António Lopes Dias, Diretor Executivo da ANIPLA.



Fonte: ANIPLA



TAVIRA | 2 de Junho 2016

AUDITÓRIO DO CRÉDITO AGRÍCOLA DO SOTAVENTO ALGARVIO

Ciclo de Conferências *Jovem Agricultor*

Programa

14.30h | Sessão de Abertura

Dr. Jorge Manuel Nascimento Botelho | *Presidente da Câmara Municipal de Tavira*
Eng.º Fernando Manuel Neto Severino | *Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Algarve*
Eng.º João Lázaro da Cruz Barrote | *Presidente do Crédito Agrícola do Sotavento Algarvio*
Eng.º Lino Viegas Afonso | *CA Seguros*
Sr. Eduardo Morais Almendra | *Presidente da AJAP*

15.30h | Ser Jovem Agricultor - *Desafios e Oportunidades*

Prof. Miguel Freitas | *Especialista em Assuntos Agrícolas Europeus*
Prof. Dr. Luís Mira da Silva | *Prof. Universitário*
Dra. Rosa Dias | *Quinta da Fornalha, Castro Marim – Jovem Empresária Rural*
Eng.º Luís Sabbo | *Luís Sabbo Frutas do Algarve – Jovem Agricultor*
Eng.º César Machado | *Direcção de Marketing Estratégico Crédito Agrícola*

Moderador - Eng.º Firmino Cordeiro | *Diretor-Geral da AJAP*

17.00h | Debate

17.45h | Sessão de Encerramento

Dr. João Pedro Rodrigues | *Vereador da Câmara Municipal de Tavira*
Eng.º João Lázaro da Cruz Barrote | *Presidente do Crédito Agrícola do Sotavento Algarvio*
Eng.º Firmino Brunhoso Cordeiro | *Diretor-Geral da AJAP*

18.00h | Porto de Honra

Com o patrocínio de:



Com o apoio de:

**tavira**

«O acompanhamento técnico dos jovens agricultores é uma ideia positiva»



O Ministro da Agricultura, Capoulas Santos, rejeita a possibilidade de recorrer ao Banco Europeu de Investimento para financiar o PRD 2020, mas está a negociar 200 milhões de euros junto desta entidade para assegurar a ampliação da área de regadio de Alqueva em 45 mil hectares.

Quais as grandes linhas de reprogramação do PDR 2020?

Garantir o cumprimento do Programa do Governo, em especial no que diz respeito a um melhor tratamento dos pequenos agricultores e dos jovens agricultores, para além de promover uma melhor adequação do programa à realidade portuguesa.

Portugal vai recorrer ao Banco Europeu de Investimento para financiar o PDR 2020?

Não, não está previsto o recurso ao Banco Europeu de Investimento para financiar o PDR 2020. Este programa tem financiamento garantido pelo FEADER, expresso no PDR 2020, negociado e aprovado pela União Europeia.

A meta definida no PDR 2020 é apoiar no total 4.971 jovens agricultores, menos ambiciosa do que o conseguido no Proder (8.400). A reprogramação contempla um aumento do número de jovens a apoiar ou das verbas?

O nosso objetivo, através da reprogramação, é poder atingir uma meta superior à que foi atingida no Proder.

Há cerca de 5.400 candidaturas de jovens agricultores ao PDR 2020, mas a taxa de contratação é de apenas 10%.

Haverá decisões para todas as candidaturas até ao próximo concurso?

Sim. A contratação de candidaturas às principais medidas no âmbito do PDR 2020 já está neste momento próxima das 3 mil, a que corresponde uma despesa pública de cerca de 150 milhões de euros. Esperamos aumentar o ritmo de contratação nos próximos meses. O objetivo é aprovar todas as candidaturas de concursos anteriormente abertos e abrir novos concursos.

Sabendo que há tantas candidaturas para avaliar, vai efetivamente avançar em dezembro com novo concurso para Instalação de Jovens Agricultores?

O calendário de abertura de novos concursos até 31.12.2016 já está disponível no site da Autoridade de Gestão do PDR 2020 e nele não está contemplada a abertura de concurso nesta medida.

O apoio à figura do Jovem Empresário Rural está contemplado na reprogramação do PRD 2020?

Não. O Regulamento Comunitário do FEADER não contempla essa elegibilidade, pelo que estão a ser ponderados outros elementos na configuração desse estatuto.

Quais são os critérios para definição da figura do Jovem Empresário Rural? E o teto de apoio por projeto? Acha possível instituir nos GAL – Grupos de Ação Local, a receção de projetos de instalação de Jovens Empresários Rurais?

O projeto de Decreto-Lei que instituirá esse estatuto está em fase de preparação pelo senhor secretário de Estado

das Florestas e do Desenvolvimento Rural, pelo que é prematuro antecipar o seu conteúdo. Logo que concluído, será discutido com os parceiros e com os representantes dos jovens agricultores em primeiro lugar.

A AJAP defende que os Jovens Agricultores devam ter a opção de adesão a um acompanhamento técnico após a aprovação do seu projeto, facultado por entidades acreditadas pelo Ministério. O financiamento seria assegurado em alínea a criar no formulário de candidatura do projeto. Parece-lhe possível implementar este modelo, uma vez que muitos jovens reclamam esta necessidade e apoio?

A ideia de acompanhamento dos jovens agricultores que se instalam é uma ideia positiva. Com efeito aproximado, o PDR 2020 apenas previu as medidas de aconselhamento agrícola. Os termos em que o acompanhamento é proposto pela AJAP estão a ser ponderados, para verificação da sua elegibilidade, no contexto da reprogramação que está em curso.

PDR 2020- despesa pública contratada é de 150 milhões de euros

Bruxelas deixou nas mãos dos Estados-Membros a possibilidade de financiarem com dinheiro nacional a redução voluntária da produção de leite e carne de

porco. Portugal vai avançar nesse sentido?

Não. Das medidas nacionais adotadas por Portugal, apenas uma - e para contornar os limites máximos das ajudas nacionais (*de minimis*) já atingidos por alguns produtores - implica o compromisso do não aumento da produção nos primeiros 6 meses após a assinatura do contrato de empréstimo. Trata-se da linha de crédito para desendividamento, que terá um ano de carência e 6 para amortização.

Já há luz verde de Bruxelas às medidas de apoio ao setor (linhas de crédito 20 milhões de euros e redução das contribuições para a Segurança Social)?

Tenho vindo a estabelecer vários contactos com a Comissão Europeia, notando a emissão de vários sinais positivos por parte de Bruxelas, mas não recebemos ainda uma resposta formal.

Bruxelas vai acionar a Reserva de Crise para apoiar o setor?

Nas últimas reuniões do Conselho de Agricultura da União Europeia uma grande maioria de Estados-Membros manifestou-se contra essa possibilidade, o que retirou condições à Comissão Europeia para avançar com uma proposta nesse sentido. O assunto voltará a ser discutido na reunião de junho do Conselho.

Os produtores de leite pedem atuação do Governo para reduzir importações e estimular o consumo de leite



nacional. O Governo vai atuar junto da Grande Distribuição nesse sentido?

No Mercado Único da União Europeia as fronteiras são abertas e é proibido impedir a livre circulação de mercadorias. O consumo de produtos nacionais está exclusivamente na mão dos consumidores. O que o Governo pode fazer, e tem feito, é legislar sobre a obrigatoriedade de indicar a origem do produto na rotulagem da carne e apelar à indústria de laticínios para que proceda de forma idêntica quanto à rotulagem de produtos lácteos. O Governo tem atuado junto de toda a fileira, procurando estimular consensos sobre a justa repartição da cadeia de valor. Foi por isso que foi constituído o Gabinete de Crise e restabelecemos o regular funcionamento da PARCA – Plataforma de Acompanhamento das Relações na Cadeia Agro-Alimentar.

Como vai resolver a falta de verba para financiar a finalização das obras de Alqueva?

Uma vez que o anterior Governo não tinha feito qualquer diligência para garantir o financiamento da ampliação em 45 mil hectares do empreendimento de Alqueva, foi necessário procurar soluções para atingir esse objetivo. Uma das linhas de negociação que está em curso é, através do Banco Europeu de Investimento, via Plano Juncker. O montante necessário para este investimento ronda os 200 milhões de euros.

O preço da água no Alqueva está a tornar inviável algumas culturas em alguns perímetros de rega. Prevê baixar esse custo?

Neste momento são praticados diferentes preços nos diversos perímetros de rega de Alqueva. O Ministério está a trabalhar por forma a reduzir a banda atualmente existente, o que implicará reduções nuns casos e eventuais atualizações noutros.

Os agricultores reclamam um tarifário da energia elétrica ajustado à sazonalidade da atividade agrícola. O Governo prevê interceder junto do fornecedor, ou repor a eletricidade verde?

Não há condições financeiras para repor, neste momento,

os apoios à “eletricidade verde” suportados exclusivamente pelo orçamento nacional. O esforço financeiro para reduzir os custos de energia para os agricultores está concentrado nos combustíveis, através da redução do seu preço em cerca de 40% face ao preço pago pelos outros consumidores.

«Não há condições financeiras para repor os apoios à eletricidade verde»

A ANIPLA apresentou na passada semana um estudo que prevê prejuízos potenciais de 800 milhões de euros caso sejam retiradas da UE substâncias ativas vitais para a agricultura nacional. O que pode o Governo fazer para impedir esta situação?

É evidente que a retirada de produtos fitofarmacêuticos do mercado, sem alternativa, implicaria sérios prejuízos para a agricultura. Estamos convictos de que, quer nas instâncias europeias, quer na margem de decisão nacional, se encontrarão formas de responder a essa hipotética situação.

Recomendou que Portugal se abstinisse na votação do grupo de peritos sobre a continuidade do glifosato. Porquê?

Porque não encontramos argumentos suficientemente sólidos que justificassem uma inequívoca posição a favor ou uma inequívoca posição contra. A decisão nacional tomada foi de continuar a autorizar a aplicação de glifosato para fins agrícolas, proibindo contudo a utilização do co-formulante taloamina, sobre o qual existem fortes indícios de perigosidade para a saúde humana.

O Governo vai proibir o uso do glifosato em espaços urbanos?

Sim. De glifosato e de fitofármacos em geral, apenas com algumas exceções. Designadamente aquelas utilizações que evitem que, a partir destes espaços, possam irradiar pragas ou doenças que afetem a agricultura.

APROLEP exige compromisso com preço sustentável do leite



A Associação dos Produtores de Leite de Portugal classifica de “imoral” a venda de leite e queijo importado a preços abaixo do custo de produção e exige à Distribuição um compromisso com um preço sustentável que remunere o trabalho dos produtores nacionais. Carlos Neves, presidente da APROLEP, reconhece a necessidade de diminuir a produção de leite na Europa, mas só mediante apoios comunitários.

Os prejuízos decorrentes da atual crise no setor do leite estão quantificados? Quais são?

É muito difícil quantificar. Sabemos que a distribuição pressiona os preços pagos à indústria e que a indústria, mantendo a margem, desconta no produtor, o elo mais fraco na cadeia. Sabemos que há centenas de produtores a receber abaixo do custo de produção e outros obrigados a limitar ou reduzir a produção. A situação é preocupante para os jovens agricultores que fizeram investimentos mais recentemente e que foram “obrigados” pelas regras do Proder a comprometer-se com aumentos de produção para justificar o retorno dos investimentos realizados e agora veem reduzido o preço recebido e limitada a quantidade que podem produzir.

O Governo anunciou medidas de apoio ao setor do leite- isenção 50% nos descontos para a Segurança Social e ajuda modelar por cada vaca leiteira. Ajudarão a resolver a crise no setor?

Essas medidas abrandam ligeiramente a “dor”, da mesma forma que se tomam analgésicos quando se tem febre, mas serão precisos antibióticos fortes para resolver a “infecção”.

«Devemos exigir que se identifiquem, denunciem e reduzam as importações»

Qual a posição da APROLEP sobre a possibilidade de Bruxelas recorrer ao fundo de crise da agricultura com vista a implementar medidas que estabilizem o setor do leite?

Somos favoráveis a esse tipo de medidas. Faz todo o sentido que se apoiem de forma extraordinária em cada ano os setores que atravessam mais dificuldades.

«Se as cooperativas tiverem o apoio dos associados é meio caminho andado para a sobrevivência da produção de leite em Portugal»

A APROLEP defende a criação do rótulo de “Produto lácteo sustentável” e pede ao Governo que apoie a produção nacional nesse sentido. Que resposta têm por parte da Tutela e da Grande Distribuição?

Tem havido uma reação positiva, mas pouco avanço. Sabemos que Bruxelas não é favorável à rotulagem da origem do leite, certamente influenciada pelo lobby das grandes indústrias lácteas do norte da Europa, que querem comprar o leite onde for mais barato e despachar os excedentes para onde lhes for mais favorável. O que nós propomos, além da rotulagem da origem, é um compromisso com um preço sustentável, que permita pagar os custos de produção, remunerar o trabalho do produtor, famílias e funcionários, manter os animais em boas condições de bem-estar animal, respeitar as regras de segurança alimentar e ter em conta a proximidade do produtor ao consumidor, o que reduz os gastos de energia e poluição resultante dos transportes a grandes distâncias.

A APROLEP pede fiscalização intensiva dos produtos importados e na identificação da origem dos produtos. Existem ilegalidades nesta matéria?

É difícil provar que existe *dumping*, mas é no mínimo estranho que o leite seja vendido ao consumidor a 1 euro na França ou na Alemanha e seja vendido em Portugal a 40 cêntimos. Se descontarmos o IVA, margem da distribuição, custos de transporte, embalagem, pasteurização e tivermos em conta que o leite na França é pago ao produtor a um preço mais elevado do que em Portugal, algo de estranho se passa. O mesmo podemos apontar ao queijo super-barato que vem da Alemanha, é fatiado e “nacionalizado” com a aplicação

da marca de salubridade PT. Não sabemos se existe ilegalidade, mas existe certamente imoralidade.

A auto-regulação da produção de leite pelas Cooperativas/OP, como já está a acontecer noutros países da UE, é uma opção para evitar a falência dos produtores nacionais de leite?

A auto-regulação já está a acontecer na Europa e em Portugal, e em algumas situações até de forma muito “pesada” para os produtores, em particular para os jovens agricultores. Devemos todos fazer um esforço para conter a produção, para não inundar o mercado com leite a preço de saldo, mas era preciso que fosse uma medida aplicada em toda a Europa e com apoios europeus. Apoios nacionais e limitação voluntária, como sugere a Comissão Europeia, favorecem os países com mais poder económico e deixam à solta países excedentários apostados em “rebentar” outros mercados para depois os conquistar e dominar. Portanto, devemos reduzir a nossa produção se a nossa indústria não tiver mercado, mas devemos exigir que antes se identifiquem, denunciem e reduzam as importações. Faz sentido que se reduza a produção, porque o excesso de produção prejudica os produtores.

A par das medidas conjunturais, que a atual situação de crise exige, qual a via para tornar o setor nacional do leite mais competitivo?

Temos de procurar ser cada vez mais competitivos e eficientes “da porta para dentro”, na exploração agrícola e temos de ser mais organizados da porta para fora, seja a nível associativo face à indústria, distribuição e Governo, seja na governação das nossas cooperativas, para que sejam também exemplos de eficiência na gestão; para que tenham a participação dos associados na sua gestão, nomeadamente dos jovens agricultores; para que possam dar o seu contributo para a gestão das organizações que por direito lhes pertencem, mas que sejam massa crítica para uma boa governação. Se as cooperativas souberem renovar os seus corpos sociais com novos líderes, se forem bons exemplos e tiverem o apoio dos associados, teremos meio caminho andado para a sobrevivência da produção de leite em Portugal.

Casal da Cotovia pioneira na cultura do pistácio



O primeiro pomar de pistácio português nasceu há três anos, no concelho de Mirandela, por iniciativa da Sociedade Agrícola Casal da Cotovia. A cultura está bem adaptada à região da Terra Quente e promete ser um complemento rentável nesta exploração agrícola familiar.

«Estávamos a braços com uma praga difícil de gerir no amendoal e isso motivou-nos a procurar uma alternativa viável na área dos frutos secos. O pistácio pareceu-nos uma boa opção por se tratar de uma cultura bem adaptada ao clima mediterrânico e porque há um défice de produção na Europa, estimado em 4.000 hectares», conta Sampaio Rodrigues, sócio-gerente da Sociedade Agrícola Casal da Cotovia. O investimento em 10 hectares de pistácio, 10 hectares de castanheiros e 4 hectares de mirtilos (em parceria com dois outros jovens agricultores) surgiu num contexto de otimização dos recursos da empresa, com vista a aumentar a rentabilidade dos terrenos agrícolas da família, inicialmente dedicados à produção de azeite para azeite (60 hectares) e amendoal.

A escolha do porta-enxerto e da variedade adequados revelam-se fundamentais para o sucesso da cultura do pistácio. Sampaio Rodrigues optou pelo UCD-1,

O pistácio é uma cultura de ciclo longo, estimando-se a primeira colheita comercial ao sexto ano após instalação do pomar

um porta-enxerto desenvolvido pela Universidade da Califórnia Berkeley, que lhe dá garantias de vigor, resistência ao stress hídrico e a fungos radiculares, e escolheu a variedade Kerman, uma das mais consagradas e utilizadas em todo o mundo. O compasso do pomar (6m x 5m) é mais apertado do que o habitual nesta cultura, mas o agricultor confia que a fertirrega ajudará a maximizar a produtividade: «regamos com muita frequência e em pequenas dotações, incorporando na água da rega os nutrientes de que as árvores necessitam».

O investimento num pomar de pistácio pode variar entre os 5.000 e os 30.000€/hectare, dependendo dos trabalhos de preparação do terreno (mobilização, drenagem) e da correção de solo, que por si só pode representar um custo de 2.000 a 5.000€. As plantas (incluindo tutores e tubos de proteção) ficam a 10€/unidade. «Para ter um bom pomar é essencial o equilíbrio do ecossistema, nomeadamente um solo com as condições ideais de pH, macro e micronutrientes», explica Sampaio Rodrigues.



Sampaio Rodrigues, sócio-gerente da Sociedade Agrícola Casal da Cotovia, junto a uma planta de pistácio

Na mesma lógica de valorização do espaço rural, este agricultor instalou um pomar de castanheiro (variedades Longal e Cota) numa área de pinhal, um investimento de retorno mais demorado, que será usufruído sobretudo pela geração mais nova da família.

De ciclo mais rápido, o mirtilo é motivo de grande entusiasmo no Casal da Cotovia. Ao fim de três anos após a plantação, a empresa realizou a primeira colheita (12 toneladas) em 2015 e conseguiu exportar a fruta para o Norte da Europa. A produção deverá quadruplicar quando o pomar entrar em velocidade de cruzeiro.

Com o intuito de obter produção mais precoce, a Sociedade Agrícola Casal da Cotovia gere terrenos na Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, onde produz 2,5 hectares de mirtilo em vaso, 2,5 hectares de pistácio e 1 hectare de amendoal de variedades tradicionais do Algarve. Adicionalmente, promove em viveiro próprio uma experiência de propagação de amendoeiras obtidas através de multiplicação de variedades preservadas pela

Direção Regional de Agricultura e Pescas do Algarve e enxertadas com o porta-enxerto GF677. «O mercado paga mais pelo miolo de amêndoa algarvia, pelo seu sabor e qualidade intrínsecas. Esta coleção de amendoeiras destina-se às nossas plantações, mas também para vender ou mesmo oferecer a quem, como nós, esteja interessado em preservar as variedades autóctones do Algarve, modernizando o processo produtivo», revela Sampaio Rodrigues, que vê com muito interesse a revitalização da cultura dos frutos secos no Algarve.

PRODUÇÃO E IMPORTAÇÃO MUNDIAL DE PISTÁCIO COM CASCA (2014/2015)

Produção

EUA- 233.147 ton
Irão- 230.000 ton
Turquia- 85.000 ton
Síria- 57.000 ton
União Europeia- 13.000 ton

Importação

China- 81.900 ton
União Europeia- 71.500 ton
Hong Kong- 30.500 ton
Emirados Árabes Unidos – 23.200 ton
Canadá- 17.650 ton
Turquia- 17.450 ton
Irão- 9.825 ton
Índia- 7.950 ton
Austrália – 4.450 ton
Líbano- 4.400 ton

Fonte: Foreign Agricultural Service/USDA, fevereiro 2016

Jovem agricultor de Pias conjuga investimento em olival de regadio e de sequeiro



Manuel Caeiro (à dir.) e João Chorão, técnico da Hubel Verde

Manuel Caeiro, 25 anos, é a prova de que o investimento sustentado pode passar pela conjugação de formas tradicionais de produzir e novas abordagens de agricultura, sempre com recurso à inovação.

A grande maioria dos olivicultores do Alentejo tem feito a transição para o regadio, mas há ainda quem acredite nas potencialidades dos olivais de sequeiro que chegaram aos nossos dias e que constituem um património que, quando bem conduzido, gera mais-valias interessantes. É o caso de Manuel Caeiro, que se lançou na atividade agrícola depois de frequentar um curso de técnico de produção agrária na Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa. Começou em 2008 com um projeto de instalação de jovem agricultor, e ao invés de plantar um olival novo, optou por num olival antigo melhorar as condições de produção com o aumento do compasso de plantação de 6m x 12m para 12m x 12m e com a adoção de técnicas modernas de fertilização, nomeadamente com recurso a aplicações foliares e adequadas coberturas para os solos. Desde então, tem vindo a arrendar terrenos na região de Pias e Serpa, na margem esquerda do Guadiana, e hoje em dia explora 85 hectares de olival tradicional das variedades Galega, Verdeal e Cordovil. «Tenho 20 hectares de olival regado e sei que há diferenças significativas, o regadio dá muito mais quantidade de azeitona, mas a qualidade do azeite de sequeiro é superior», afirma Manuel Caeiro, que se orgulha de trabalhar em contracorrente, apesar de consciente de que ainda tem um caminho a percorrer no sentido de otimizar a forma como atualmente faz a fertirrega nas suas parcelas regadas.

Será que a estratégia compensa?

Os números parecem indicar que sim. Na Herdade da Mua, num olival de sequeiro com mais de 60 anos, conseguiu, em 2015, uma produtividade média de 3,5 toneladas/hectare, algo insignificante para um olival regado, mas excelente num olival de sequeiro. O segredo parece residir no zelo com que trata o olival, apoiado nas orientações de técnicos especializados em assessoria agronómica.

«A Hubel Verde presta uma assistência técnica muito boa, a equipa está disponível para nos apoiar a qualquer hora do dia, o serviço de distribuição é muito eficaz e a entrega dos produtos é rápida, algo muito importante na fase de tratamento do olival», conta o jovem agricultor. Não menos importante é a maquinaria adequada e em bom estado de manutenção, pronta a usar quando chega o momento de podar, colher ou aplicar adubos e produtos fitofarmacêuticos.

João Chorão, técnico da Hubel Verde que acompanha este jovem agricultor, destaca a recetividade de Manuel Caeiro à introdução de novas técnicas e produtos inovadores da gama Hubel Verde e de outras marcas suas representadas: «Com o Manuel é fácil trabalhar e fazer um acompanhamento do princípio ao fim do ciclo de produção e há bastante abertura para experimentar novas soluções. A atenção especial que o Manuel dá ao olival de sequeiro é um desafio extra para nós, porque exige um maior empenho para compreender as variedades tradicionais e tirar delas a máxima produtividade, usando soluções agronómicas inovadoras».

Manuel Caeiro também está atento aos canais de escoamento que elege para a sua azeitona. «Tenho de vender onde valorizam mais a qualidade que produzo. É preciso fazer contas e garantir a rentabilidade, porque na cultura do olival só se recebe dinheiro uma vez por ano», explica o jovem agricultor, que tem planos para expandir a área de olival, através da aquisição de terrenos.

Soja - a nova cultura do Alqueva



A Hubel Verde, em parceria com a RAGT, está a introduzir a cultura da soja no Alentejo. Este ano serão produzidos 150 hectares, tendo como destino maioritariamente a transformação para uso na indústria alimentar Leche Pascual.

A soja é uma das principais culturas agrícolas a nível mundial e uma *commodity* cotada em bolsa. A produção global para a campanha 2016/2017 é estimada em 324 milhões de toneladas, com os EUA, Brasil e Argentina a liderar o *ranking*. Em Portugal a cultura é praticamente desconhecida, mas pode vir a tornar-se uma alternativa viável nas zonas de regadio. A Hubel Verde é pioneira na introdução da cultura no Alentejo.

«A necessidade de diversificação trazida pelas regras do Greening e a conjuntura de baixos preços do milho, motiva-nos a procurar alternativas mais rentáveis para os nossos clientes, como é o caso do girassol de regadio e, mais recentemente, da soja. Trata-se de soja não transgénica para uso na indústria alimentar humana, com um retorno ao agricultor estimado de 300€ a 500€/hectare», explica João Caço, diretor da Hubel Verde. Esta empresa fornece as sementes (da marca RAGT), adubos e outros fatores de produção necessários à cultura, presta assistência técnica aos agricultores e assegura a compra da colheita, através de uma parceria com o grupo industrial espanhol Leche Pascual. Vários agricultores já aderiram ao projeto.

Nuno Cardoso plantou 8 hectares de soja na Herdade das Pias, concelho de Cuba. Apesar de desconhecer a cultura, confia na assistência técnica prestada pela Hubel Verde, com quem trabalha há cerca de quatro anos: «o acompanhamento da Hubel é muito importante para que este novo desafio das novas culturas tenha sucesso. A boa relação com os técnicos e a confiança deles na minha forma de trabalhar aqui na propriedade, levou a Hubel Verde a apostar em mim para fazer soja», explica este agricultor, que arriscou também em novas culturas de regadio como a colza (20 hectares), a papoila (15 hectares) e o girassol, além do olival (60 hectares) e da vinha (produção de 200 mil garrafas de vinho/ano das marcas Herdade das Pias e Monte das Pias).

Cultura melhoradora de solos

A soja é uma cultura proteagínica melhoradora de solos que prefere terrenos férteis e bem drenados, exigente na sementeira (obrigatório uso de semente inoculada) e na aplicação de herbicidas (não se toleram resíduos de infestantes à colheita). Em comparação com a cultura do milho, é menos exigente em adubos e rega. O consumo estimado de água é, em média, de 4000 a 4.500 m³ por campanha que, quando bem aplicada, é o suficiente para desenvolver o nível de proteína ideal. A conta de cultura da soja ronda os 1.000€ a 1.250€/hectare, com uma produtividade estimada de 3 a 5 toneladas.

A produção de soja em Portugal e na Europa, onde as variedades OGM estão proibidas, poderá vir a ter um papel relevante no futuro como matéria-prima para uso na indústria alimentar e na elaboração de rações livres de OGM. Em 2015, a União Europeia quase duplicou a área de soja face ao ano anterior, com 819 mil hectares e uma produção de 2,1 milhões de toneladas. Itália é de longe o maior produtor, com 300 mil hectares e cerca de 1 milhão de toneladas.

Ainda assim, a Europa é o segundo maior importador de soja do mundo, comprando ao exterior mais de 32 milhões de toneladas/ano.

CO 17 – um gin com gosto a Douro

O gin CO 17 nasceu em Tabuaço, inspirado nas cores e aromas do Douro, e em apenas um ano conquistou apreciadores em três continentes. Tudo começou com uma brincadeira de dois amigos.

Edgar Rocha, enólogo, e Miguel Guedes, engenheiro químico, são os jovens empreendedores por trás da marca Cobalto, que dá nome ao primeiro gin nascido no Douro. Extremamente suave, o CO 17 bebe-se despreziosamente apenas com água tônica, deixando prolongar na boca os aromas a cardamomo, hortelã pimenta, lúcia lima e zimbro. Um festival inebriante para os sentidos que deixa adivinhar uma última surpresa – o gosto discreto a uva da casta Tinta Amarela, variedade autóctone da região.

«Tudo começou por uma brincadeira em laboratório, experimentámos fazer uns gins, até que encontramos um que nos agradava. Demo-lo a provar a amigos e enviámos amostras para restaurantes e bares em Londres. O feedback foi sempre positivo e decidimos arriscar», conta Edgar, que trabalhou em destilarias industriais em Espanha e Inglaterra.

Um dos segredos do CO 17 é o tempo de repouso em cuba - 17 dias - antes do engarrafamento, para “acalmar” e homogeneizar os diversos tipos de álcool que entram na composição do gin. Tudo decorre na destilaria da Cobalto, em Tabuaço, que está a ser adaptada para receber turistas. *«Estamos a fazer acordos com diversas entidades para incluir a destilaria nas rotas turísticas. Queremos mostrar o processo de fabrico e vender o gin a quem nos visite»,* explica Edgar.

Vendas de gin na Europa

As vendas de gin na Europa aumentaram 7,3% entre 2009 e 2014, de 12,4 milhões de caixas para 13,3 milhões em 2014, e deverão continuar a crescer, atingindo 14,9 milhões de caixas em 2019, de acordo com as previsões da Euromonitor International.



O objetivo da marca é vender 160 mil garrafas nos primeiros cinco anos de atividade, posicionado o produto num perfil de consumidor de classe alta e média alta. O mercado internacional é claramente a prioridade da Cobalto, que exporta cerca de 80% da produção para países europeus (Inglaterra, Áustria, Escandinávia), América do Norte, Central e do Sul e até para a Ásia. A divulgação em bares de cadeias de hotéis e algum investimento em publicidade na

televisão, no caso do mercado sul-americano, têm sido a forma de divulgar este gin made in Portugal.

«O mercado lá fora é muito mais complicado do que o português, no início tivemos algum receio, mas por incrível que pareça o nosso gin está a ser muito bem aceite e os clientes estão a aumentar as encomendas», diz Edgar, orgulhoso do sucesso da marca, que vendeu 17.300 garrafas no primeiro trimestre do ano.



Quinta da Lagoa - a arte do Queijo Serra da Estrela



O queijo Quinta da Lagoa recupera a tradição secular dos pastores da Serra da Estrela. Feito por mãos sábias e envolvido em panos brancos, leva 40 dias de cura, antes de ser posto à venda na loja da quinta, em Vale de Madeiros, Canas de Senhorim.

“Um queijo feito com alma”, assim o descrevem os proprietários, orgulhosos de um negócio tradicional e familiar, cuja essência querem perpetuar como “símbolo da resistência contra as produções de massa”.

Tudo começou há 30 anos quando Jorge Pais de Figueiredo se viu confrontado com a necessidade de dar novo rumo à vida, depois do encerramento da metalúrgica onde trabalhava. Inspirado pelas

A produção anual da Quinta da Lagoa oscila entre os 6.000 a 7.000 queijos

memórias de infância e pelo sogro, agricultor, comprou 25 ovelhas e lançou-se na produção artesanal de queijo, com a ajuda da esposa, professora primária reformada e do filho, Pedro Pais, na altura adolescente.

Os longos serões eram passados num anexo da casa da família a afinar o processo, o mesmo local onde ainda hoje produzem o seu queijo. «Com as memórias que tínhamos e a ajuda de uma senhora velhinha lá da terra, a “Ti Ana”, conseguimos começar a produzir queijo», conta Pedro Pais, hoje com 47 anos. Inicialmente para consumo da família e amigos, rapidamente surgiram interessados os primeiros clientes.



Os segredos do queijo Serra da Estrela são os da Natureza

Paulatinamente, a família foi investindo no aumento da área da quinta e do rebanho, hoje constituídos por cerca de 50 ha próprios e outro tanto arrendado ou cedido e cerca de 600 ovelhas da raça Serra da Estrela, das quais cerca de 480 produtoras de leite. O negócio é levado a bom porto com o esforço da família: Pedro trata do planeamento, estratégia das vendas e promoção da queijaria como local a visitar, o pai é responsável pela quinta e produção do leite, a mãe supervisiona a queijaria e a esposa encarrega-se dos dossiers HACCP e higiene e segurança no trabalho. A quinta tem permitido, nos últimos anos, manter o emprego de sete pessoas, quatro homens na quinta e três senhoras na queijaria.

O queijo Quinta da Lagoa é certificado, com Denominação de Origem Protegida (DOP) Serra da Estrela, respeitando estritamente as exigências do caderno de encargos da DOP, sendo produzido exclusivamente com o leite das ovelhas criadas na quinta da família. *«Acreditamos na linha tradicional, onde a qualidade do queijo está muito condicionada pela qualidade do leite e nós só confiamos no nosso»*, afirma Pedro Pais.

Os animais alimentam-se de pastos em regime extensivo e são separados consoante o ciclo de produção do leite. As ovelhas aleitantes per-

manecem no núcleo principal da exploração, próximas da sala de ordenha, enquanto as restantes são encaminhadas para áreas cedidas a cerca de 3 km do núcleo principal da exploração. Cada ovelha produz em média 160 litros de leite por ano, num ciclo de produção que se prolonga por 200 dias, sendo necessários cerca de 5 a 7 litros de leite para produzir cada quilograma de queijo (dependendo da época e rendimento do leite).

A loja da queijaria é um importante canal de vendas da Quinta da Lagoa, onde passam muitos visitantes, portugueses e estrangeiros, famílias e escolas em visitas de estudo, que podem observar a laboração do queijo e o maneio do rebanho. *«A localização e acesso privilegiados da Quinta da Lagoa e a larga vista sobre a Serra da Estrela, a qualidade do produto, do saber receber, associados a uma missão e um estado de alma»*, têm sido um fator de promoção e sucesso, reconhece Pedro Pais.

Ainda assim, o negócio está em fase de reestruturação, ressentindo-se de uma produção que teima em manter um formato tradicional e por isso com custos de produção acrescidos e da diminuição do poder de compra dos consumidores nacionais: *«o índice de vendas “à porta” baixou e a origem dos visitantes tem-se invertido, tendo vindo a aumentar o número de turistas estrangeiros»*.

O queijo da Quinta da Lagoa também está à venda em lojas de referência em Lisboa, Porto, Aveiro, Viseu e Algarve, vocacionadas para clientes de gama média-alta, onde o preço do queijo pode variar entre os 23,5€ e os 35€/kg. O queijo Serra da Estrela Quinta da Lagoa pode também encontrar-se em 6 lojas do Rio de Janeiro e São Paulo.

Questionado sobre o futuro do negócio, Pedro Pais não hesita: *«vamos continuar a produzir apenas com o leite da nossa quinta e não vamos aumentar produção. A família precisa de tempo»*.

Raiz da Terra - Aprender com a exportação



A Raiz da Terra produz e exporta jovens plantas ornamentais para vários países da Europa e a sua experiência com o mercado holandês, desde 1998, tem sido decisiva para o sucesso do negócio.

José Martins, 44 anos, é o protagonista desta história onde a “perseverança” e o “rigor” têm lugar de destaque. A ação passa-se em Vila Praia de Âncora, onde o jovem empreendedor criou um negócio inovador há quase duas décadas: a propagação de plantas ornamentais por estacaria. Este processo de “clonagem” é usado há milhares de anos, consistindo na produção de plantas novas a partir de estacas retiradas de plantas progenitoras, mas a inovação da empresa surge sobretudo na gestão do processo produtivo e na relação com o mercado.

A Raiz da Terra produz exclusivamente por encomenda e sempre por contrato de uma campanha para a seguinte. «Era algo que não se fazia neste setor, onde é habitual produzir para stock e vender mais caro. Conseguimos inverter esta situação, vendendo uma planta mais barata, mas correndo menos riscos», conta José Martins.

A Raiz da Terra dispõe de 2,5 ha de área coberta, 1,5 ha de ar livre e 10 ha de plantas-mãe

Ao contrário da prática corrente, a empresa começou por exportar e só posteriormente passou a abastecer a Península Ibérica. «O mercado holandês tem um elevado grau de exigência quanto aos requisitos de qualidade das plantas e ao rigor nos prazos de entrega. A experiência comercial na Holanda facilitou em muito a conquista dos mercados português e espanhol», reconhece este jovem agricultor, que diz ser essencial o domínio técnico do processo produtivo, a produção regular e uniforme e uma boa relação qualidade-preço. O acompanhamento constante dos clientes é outro fator que distingue a Raiz da Terra: «visitamos regularmente os nossos clientes, o que é pouco usual nos produtores de plantas ornamentais de pequeno porte».

A Raiz da Terra produz cerca de 3,5 milhões de plantas por ano, de 800 variedades diferentes, 70% da sua produção é exportada para a Holanda, França, Espanha, Alemanha e Inglaterra, mercados onde prevê continuar a crescer.



PLANTAS E FLORES NA UE

A União Europeia é um importador líquido de flores de corte e folhagens, mas é um exportador de plantas em vaso, coníferas, plantas perenes e bolbos. A UE produz 44% das plantas ornamentais e flores de corte a nível mundial e detém 10% da área mundial de produção.

446 M€ - valor do mercado português

2,2% - quota do mercado português em valor na UE

49.8 M€ - valor das exportações portuguesas na UE

76.9 M€ - valor das importações portuguesas de países UE

20.219 M € - valor do mercado UE

1.585 M € - importações UE a países terceiros

1.911 M € - exportações UE a países terceiros

Fonte: DG Agri, outubro 2015

A empresa está atenta às tendências de consumo e faz questão de inovar nas formas de apresentação das plantas. Recentemente lançou no mercado português vasos de 1 l com plantas de mirtilo, framboesa e goji, que se encontram à venda nas lojas Pingo Doce. «Temos tido algum sucesso neste nicho de mercado, porque os frutos vermelhos estão na moda, mas o nosso core business é a produção de plantas ornamentais jovens. Registamos a marca “Plant Collection” e provavelmente vamos vendê-la a outra empresa que fará a engorda das plantas», revela José Martins.

Vantagens competitivas

Apesar de estar na periferia da Europa, Portugal continua a ter vantagens competitivas face à concorrência europeia: o custo mais reduzido da mão-de-obra e o clima temperado, que permite antecipar a produção três a quatro semanas em relação aos países do Norte da Europa. «Há oportunidades para produzir mais planta ornamental em Portugal, mas no geral falta-nos o conhecimento quer do mercado, quer da produção», reconhece José Martins, deixando alguns conselhos aos potenciais investidores: «viagem e conheçam o que se faz no estrangeiro, estudem o mercado, a concorrência, o perfil do consumidor e o preço que está disposto a pagar».

A Raiz da Terra fatura um pouco menos de 1 milhão de euros/ano e emprega 25 colaboradores

Mosca da azeitona - armadilha digital em testes no Alentejo

Um novo método de deteção e contagem da mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*) vai ser testado no Alentejo. As armadilhas detetam o som emitido pelos insetos e transmitem a informação para o telemóvel ou PC.

Este projeto de investigação aplicada decorre em vários países da Europa e os primeiros testes de campo foram realizados na Catalunha no passado mês de março, com a colaboração da Cooperativa Falset-Marçà. Os resultados confirmam que o sistema tem a cobertura adequada para as parcelas em teste e que a informação recebida no “portal de campo” ENTOMATIC é fiável.

Em Portugal, os testes de campo deverão arrancar ainda durante esta campanha no Alentejo, em olivais na zona de Cuba e na margem esquerda do Guadiana. «Estamos a identificar as explorações agrícolas com perfil adequado para instalar as armadilhas e levaremos em consideração o histórico dos ataques da mosca da azeitona. No ano passado, por exemplo, os ataques concentraram-se sobretudo na margem esquerda do Guadiana e nem tanto na parte litoral do Alentejo», explica Valentina Castilho, técnica da AJAP no Baixo Alentejo.

As picadas da mosca da azeitona podem chegar a dizimar um olival. A atividade da larva no interior da azeitona afeta o seu desenvolvimento e provoca a queda prematura. Grande parte da colheita pode ser perdida, pois a maioria dos lagares rejeitam azeitona do chão. As azeitonas atacadas pela mosca dão origem a azeites ácidos e com índices elevados de peróxidos.

A expectativa é de que a armadilha digital facilite a recolha da informação de campo, evitando deslocações semanais para contagem dos insetos, permitindo obter dados em tempo real. «Se tudo funcionar como previsto, a armadilha digital será um bom instrumento de trabalho, permitindo estimar níveis económicos de ataque de forma mais expedita. Creio que irá beneficiar sobretudo os técnicos e os agricultores que estão mais habituados a usar ferramentas informáticas», acrescenta.

Como funciona a armadilha digital?

Atraídas pelo isco, as moscas (machos e fêmeas) entram na armadilha e são detetadas por um primeiro sensor foto interruptor, mas a contagem só é feita quando passam num segundo sensor do mesmo tipo e é nesse momento que o sistema de reconhecimento bioacústico começa a registar os sinais áudio emitidos pelas moscas. O “portal de campo” ENTOMATIC recebe o sinal e aceita ou descarta a contagem, consoante a mosca pertença ou não à espécie *Bactrocera oleae*. As moscas são capturadas pelo isco embebido de feromonas, onde ficam eventualmente coladas, ou acabam por afogar-se no líquido do isco.

As armadilhas colocadas numa mesma parcela comunicam entre si, enviando os dados de forma coordenada para o “portal de campo”, que está equipado com uma estação meteorológica, e por sua vez transmite os dados para o sistema central de monitorização e gestão ENTOMATIC, alojado numa cloud (nuvem digital), tornando os dados acessíveis através da Internet. O utilizador final – agricultor ou técnico – pode aceder a esta informação através de PC, smartphone ou tablet.



Protótipo da armadilha digital Entomatic

FRUTOP 25 EW FRUTA SÃ!



EXCLUSIVO
AGRILOJA

EMULSÃO DE ÓLEO EM ÁGUA (EW) CONTENDO 250 g/l DE TEBUCONAZOL.

Fungicida Sistêmico de amplo espectro para o controlo do olho-de-pavão da oliveira, do pedrado das pomóideas, do oídio da macieira e da videira e doenças dos cereais.

AUTORIZAÇÃO PROVISÓRIA DE VENDA
N.º3634 CONCEDIDA PELA DGAV.

A informação contida nesta página não dispensa a leitura atenta do rótulo do produto.

tel. 262 690 210 • agripro@agripro.pt

AgriPro

PROFISSIONALISMO AO
SERVIÇO DO AGRICULTOR!

DISPONÍVEL NA REDE DE LOJAS

AgriLoja

«O apoio aos jovens agricultores é um investimento no Douro»



José Almeida Ribeiro, presidente da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo Beira Douro, considera que a parceria com a AJAP permite reforçar o apoio a projetos que contribuem para defender os valores da região do Douro.

Como descreve a evolução do negócio da CCAM Beira Douro no setor agrícola nos últimos Quadros Comunitários de Apoio (QCA)?

A nossa aposta para a evolução do negócio da CCAM tem sido na diferenciação pelo serviço prestado ao cliente e na disponibilização de produtos e serviços bancários de qualidade. Os apoios comunitários que Portugal tem vindo a usufruir contribuíram para a dinamização e crescimento do setor agrícola, alicerçando

não apenas o melhoramento das condições sócio-culturais da população, mas também o melhoramento das condições económicas e financeiras, refletindo-se logicamente na evolução do negócio desta CCAM.

Quais as expectativas quanto à evolução da concessão de crédito ao setor agrícola, no atual QCA?

Mais importante que promover aceleradamente a concessão do crédito ao setor agrícola, é consolidar, com os pés bem assentes na terra, tudo quanto já construímos no setor, não deixando obviamente de aproveitar as oportunidades que nos permitem obter um desenvolvimento sustentável para as gerações vindouras. Consideramos o atual QCA uma alavanca para o encorajamento de novos investimento, tornan-

do-se um “motor” para o aumento da procura de financiamento por parte dos agentes económicos.

Quais os setores da atividade agrícola que atraem mais investimento na região?

A Caixa está localizada no Norte de Portugal, na fronteira de Trás-os-Montes e Alto Douro com a Beira Interior, atuando na sub-região Douro Sul, cuja atividade económica tem por referências a agricultura, transformação e comercialização, nomeadamente a produção de maçã e cereja e a vitivinicultura. A região é reconhecida pela produção de vinhos generosos e de espumantes de elevada qualidade.

O apoio/crédito a projetos de instalação de Jovens Agricultores é significativo na vossa instituição?

Apoiamos os Jovens Agricultores porque acreditamos que se os jovens empresários gozarem de boas performances no que toca à gestão das suas explorações, as mais valias geradas vão constituir um precioso instrumento de crescimento, contrariando a desertificação e contribuindo para o enriquecimento da região.

Somos um banco que sempre apoiou todos os setores económicos, desde o financiamento, acompanhamento e aconselhamento, oferecendo uma vasta gama de produtos financeiros, seguros vida e seguros ramo real. Acima de tudo somos um agente económico com meios técnicos e humanos que presta assessoria financeira aos empresários.

Além de defender os aspetos económicos e sociais, contribuimos fortemente para o progresso das comunidades rurais onde estamos inseridos. O respeito pelas pessoas e instituições é um princípio que nos inspira, o que se atinge cooperando com todas as entidades.

A taxa de sucesso dos projetos que a CCAM Beira Douro tem financiado na área agrícola é moderada, média ou elevada?

Temos como principais clientes agentes económicos em que a base de rendimento é única e exclusivamente o setor primário, com a vantagem de estarmos inseridos

no coração da região Douro Sul, que tem como principal motor económico a produção de bens únicos, que se diferenciam pelo seu sabor e qualidade. O setor primário é o que detém maior expressão na região, existindo obviamente uma taxa de sucesso muito acima da média.

Que conselhos daria a um novo investidor na área agrícola antes de contrair um empréstimo?

As linhas de produção e o escoamento do produto são sem dúvida o aspeto mais preocupante dos nossos clientes, tendo em conta que o Douro, pela sua orografia, depende muito de mão-de-obra, aumentando assim os custos de produção em comparação com outras regiões do país e dificultando a entrada em determinados mercados, nomeadamente a exportação. Por isso, todo o investimento deve ser canalizado para a mecanização possível, aumentando a especialização e a qualidade.

A CCAM Beira Douro estabeleceu uma parceria de colaboração com a AJAP. O que proporciona aos agricultores da região?

A aposta na parceria de colaboração com a AJAP permite reforçar o apoio a projetos que contribuem para defender os valores da região do Douro, apostando no desenvolvimento de atividades ligadas ao setor primário, não descurando o apoio a outras que vão ao encontro dos interesses da população: saúde, educação, apoio à infância e apoio à terceira idade e, fundamentalmente, todos os projetos que estejam ligados à divulgação e investimento na região.



Sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo Beira Douro em Lamego

João Cardoso - um parceiro de confiança na Meda



O gabinete da AJAP na Meda, criado há cerca de quatro anos por João Cardoso, é um ponto de referência para os agricultores dos concelhos de Meda, Vila Nova de Foz Côa, Trancoso e Penedono. Aqui encontram um conjunto integrado de serviços que dão resposta aos desafios técnicos das suas explorações e às questões administrativas inerentes a projetos de investimento e a pedidos de apoios públicos na área agrícola.

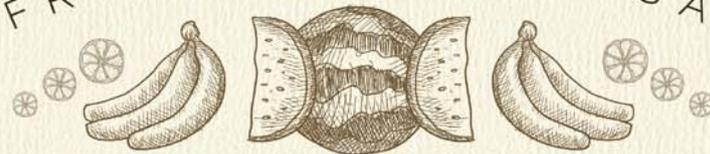
O gabinete realiza anualmente inúmeras candidaturas ao pedido único e a projetos de investimento, estes com uma taxa de aprovação elevada. «Todos os projetos de pequenos investimentos na exploração agrícola (medida 3.2.2) que submetemos até ao momento foram aprovados», garante João Cardoso. Alguns dos mais recentes surgiram na área das culturas permanentes. Grande parte dos projetos prende-se, no entanto, com reconversão de vinhas velhas, realocização de vinhas

e recuperação de muros de pedra posta (em xisto e granito).

O gabinete da AJAP na Meda acompanha os agricultores no campo, através de ações de formação e aconselhamento sobre uso seguro e aplicação de produtos fitofarmacêuticos e adubos, realiza levantamentos topográficos, entre outros serviços necessários ao bom funcionamento das explorações agrícolas. «Centralizamos aqui quase todos os serviços ao agricultor, inclusive contabilidade», explica o técnico.

João Cardoso trabalha em parceria com a AJAP há vários anos na região Norte. O mesmo tem realizado um trabalho louvável nos concelhos já referidos, ao serviço dos agricultores. O seu empenho e o apoio prestado pelos técnicos na sede AJAP têm contribuído para esta parceria de sucesso.

FRUTA PORTUGUESA.



FEIRA DO RIBATEJO.

FNA16

FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA

4-12 JUNHO

CNEMA SANTARÉM

WWW.FEIRANACIONALAGRICULTURA.PT



Ciclo de Conferências Jovem Agricultor

Oportunidades PDR2020 | Análise de Peritos | Casos de Sucesso

Caminha | Tavira | Peso da Régua | Nelas
Estremoz | Funchal | Lisboa

*Revitalizamos o campo,
semeamos futuro*

Com o patrocínio de:



Com o apoio de:



Associação dos Jovens Agricultores de Portugal

Rua D. Pedro V, 108, 2º | 1269-128 Lisboa

Tel. +351 213 24 49 70 | ajap@ajap.pt | www.ajap.pt

